

PREVENDO A GUERRA DO FUTURO

Robert A. Johnson

Este artigo foi originalmente publicado pela Escola de Guerra do Exército dos Estados Unidos, em seu periódico *Parameters*, Vol 44, no. 1, Spring 2014, sendo traduzido pelo General de Brigada Douglas Bassoli, Comandante da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, em Bagé – RS, pós-graduado nesse estabelecimento de ensino e ex-oficial de ligação junto ao Centro de Armas Combinadas – Fort Leavenworth, Kansas (dbassoli@uol.com.br).

O Dr. Robert Johnson é palestrante e diretor do Programa de Pesquisa “O Caráter Mutante da Guerra” (CCW, sigla em inglês), na Universidade de Oxford. O CCW é um programa que reúne acadêmicos, militares e formuladores de política para discutirem as tendências dos conflitos de hoje e de amanhã. Possui especialização regional no Oriente Médio e atua como conselheiro em estratégia, segurança e estabilização para as Forças Armadas britânicas, estadunidenses, canadenses e australianas, entre outras.



PREVENDO OS AMBIENTES OPERATIVOS DO FUTURO

Ao longo da história, tem sido difícil para os que vivem o dia a dia identificar as mudanças no caráter da guerra, particularmente durante longos períodos de paz. Apesar de algumas tendências e princípios de estratégia e relações internacionais serem possivelmente mais duradouros, é o aspecto mutável das condições, das formas de aplicação da tecnologia, da adaptação e da dinâmica do conflito que torna desafiador o exercício de prever e, por consequência, de planejar.

A dificuldade de realizar previsões não impediu o surgimento de assertivas ousadas e algumas visões distópicas têm sido propaladas em publicações sensacionalistas e, aparentemente, até em estudos sérios.

Entre os modernos profetas da destruição, que preveem uma anarquia Hobbesiana, estão nomes consagrados, como Robert Kaplan, Francis Fukuyama, Samuel B. Huntington e,

apesar de menos apocalíptico, David Kilcullen [1]. Martin van Creveld e Philip Bobbitt sugerem que o Estado está em declínio terminal nas relações internacionais, o que abriria caminho para o caos e a guerra [2]. Outros afirmam que a guerra seria conduzida “no meio do povo”, com terríveis resultados em termos de baixas civis. Ao fazer referência ao caráter do conflito futuro, a Doutrina Militar oficial do Reino Unido de 2009 cita, em termos exclusivamente negativos, um campo de batalha “híbrido” que seria inevitavelmente “contestado, congestionado, desordenado, conectado e restrito” [3].

Trabalhos relacionados ao estudo das tendências globais preveem um futuro violento, permeado por recursos naturais em crescente escassez, pressões climáticas e crescimento da população mundial. Entretanto, tais projeções são absolutamente contraditórias com as conclusões de Steve Pinker, Andrew Mack e Havard Hegre, mais especificamente quando dizem que a guerra, tanto de pequena quanto de grande escala, estaria em declínio [4]. Trabalhos estatísticos da *Upsala University*, que incorporam todos os indicadores-padrão de conflitos desde 1945, preveem uma redução no número de guerras e no total de baixas nos próximos cinquenta anos.

No passado, tentativas de prever o futuro da guerra foram igualmente contraditórias. Sempre foi algo tentador prender-se a valores e estruturas de força sobre os quais se tinha forte convicção e minimizar o peso de verdades menos palatáveis. A opção por hipóteses

de que gostamos, em vez das verdades absolutas, tem sido um problema comum. Entretanto, algumas projeções, descartadas como absurdas por alguns contemporâneos, acabaram provando sua precisão com o tempo. Seletividade, exagero, opção pelo absurdo, predileções e temores contemporâneos, mal-entendidos e previsões de longo termo mal colocadas foram características das previsões sobre as guerras do futuro feitas no passado. E todas elas ainda dominam o presente [5]5.

Há muitas razões para explicar porque fazer previsões é tão difícil, mesmo quando aparentemente há “tendências” positivistas óbvias a nos guiar. É tentador fazer projeções baseadas nos tipos de guerra que parecem ser as prevalentes nos dias atuais e assumir que, pelo futuro previsível, todas as guerras irão cair no mesmo padrão. Analistas militares querem identificar as características da guerra do futuro com alguma precisão, não apenas porque programas de desenvolvimento tecnológico caros dependem de seu julgamento, mas porque treinar especialistas é um processo demorado e os governos demandam sucesso com a máxima eficiência. A dificuldade está no fato de que o sucesso é condicionado pelo contexto.

É essencial obter clareza sobre o objetivo [de cada guerra], mas sua dinâmica muda com frequência as condições que vigoravam no início do conflito. Assim, os objetivos evoluem tão rapidamente e de modo tão abrangente quanto o próprio conflito. As tendências observadas no passado recente dão-nos fortes indicações sobre a guerra no futuro próximo, mas ainda requerem cautela. Estados falidos, terrorismo internacional guiado por ideologias radicais e a diminuição da capacidade de estados ocidentais para influenciar eventos e populações talvez possam caracterizar o futuro imediato. No entanto, o verdadeiro valor da história não está em invocar analogias diretas. Tampouco encontraremos respostas sendo seletivos, na tentativa de nos adequar a uma agenda

particular, como ocorre muitas vezes. Ao contrário, o valor da história está em encorajar-nos a refletir criticamente para encontrar respostas e questionar as premissas positivistas que obscurecem nosso campo de visão.

Estamos sujeitos ao fluxo da história e não podemos escapar inteiramente do nosso presente. Mas devemos procurar nos libertar de suposições não fundamentadas sobre o futuro, empregando o pensamento crítico.

A GUERRA E AS MUDANÇAS CADA VEZ MAIS RÁPIDAS

Avaliações recentes sobre o ambiente operativo do futuro enfatizam tendências visíveis no presente. O relativo declínio econômico do ocidente, comparado ao crescimento da manufatura chinesa – um fenômeno não necessariamente inevitável no futuro – tem gerado previsões de que o mundo irá se tornar mais multipolar. Dada a brevidade do momento unipolar dos Estados Unidos da América, após a Guerra Fria, não surpreende que haja multipolaridade. Mas associá-la a um relativo declínio econômico do Ocidente é ilógico e não algo automático.

De fato, o crescimento do potencial militar da China e a ambiguidade advinda dos planos de longo termo de Pequim – citados com tal regularidade e desconfiança que o confronto agora parece atingir uma condição aceitável de inevitabilidade – talvez nunca ocorra, mesmo no Pacífico [6]. A China fornece tropas de paz para as Nações Unidas e está principalmente voltada para a sua segurança doméstica. Temores acerca do seu potencial para conduzir uma guerra cibernética geralmente desconsideram o desejo do governo chinês de monitorar a sedição interna. A República Popular da China é particularmente sensível quanto à integridade de suas fronteiras – uma atitude que não pode ser considerada irracional, dadas as ameaças que sofreu nas fronteiras em 1950, 1960, 1962 e 1979.

E o mais importante: a China está contida em suas ambições por sua interdependência com o Ocidente e a economia global. Ela depende dos mercados tanto quanto do apoio que recebe de sua própria população.

Outra afirmação comum é de que o enquadramento legal das operações conduzidas por países ocidentais irá se tornar menos flexível e os militares já expressam seu temor de que serão de tal modo restringidos por ele, que não poderão mais manobrar no futuro [7]. Assessores jurídicos são fundamentais nas operações de baixa intensidade entre populações e nas ações de contraterrorismos, mas

teriam menos influência nas campanhas de alta intensidade. De fato, é preciso notar que, em geral, a assessoria jurídica nos países ocidentais tem facilitado as operações, em vez de impedi-las. O verdadeiro obstáculo é a aversão ao risco e o medo de judicialização das operações nos níveis estratégico e de elaboração das políticas. Há preocupações, por exemplo, quanto às operações psicológicas, a vigilância e a busca

de alvos, ainda que essas atividades sejam intrínsecas às operações de contraterrorismo.

A terceira assertiva prevê que os ambientes operativos do futuro serão urbanos, com o rápido crescimento populacional exercendo pressões insustentáveis sobre a infraestrutura e os recursos. Uma agravante viria das mudanças climáticas, vistas como catalisadoras de maior incidência de desastres naturais, afetando particularmente as cidades litorâneas – e as forças do Ocidente poderiam ter seu emprego em regiões

devastadas. As crises de recursos – que, supõe-se, seriam um gatilho para a guerra – são vislumbradas como atingindo um estágio agudo no futuro, no qual as demandas por energia começariam a exceder os estoques e as reservas disponíveis. As primeiras a serem afetadas, imagina-se, seriam as cidades com populações empobrecidas. É verdade que há probabilidade de ocorrerem ajustes significativos, mas esses ajustes serão ditados pelo mercado: os custos tornam-se muito altos e os consumidores e os estados são forçados a buscar alternativas, mas a guerra nem sempre será a consequência

disso. O mapeamento dos pontos de estrangulamento entre demanda e suprimento disponível e do poder relativo dos estados, das cidades e dos atores não estatais talvez produza alguma correlação com os conflitos do futuro. Todavia, essas correlações não podem ser consideradas deterministas.

As avaliações mais precisas de como será a guerra no futuro próximo estão baseadas no presente.

Estas preveem grandes

movimentos insurgentes, eclodindo em áreas rurais e urbanas, profundamente enredadas na política local e disfrutando da simpatia – senão do apoio – das populações locais. Iraque, Afeganistão e Somália têm sido caracterizadas como intervenções ocidentais de larga escala que antagonizaram povos, ameaçaram interesses escusos e foram marcadas por mal elaboradas tríades de fins, modos e meios. Mesmo nos casos em que o intento não é a intervenção deliberada, é possível que, no curto prazo, as tentativas de

O verdadeiro obstáculo é a aversão ao risco e o medo de judicialização das operações nos níveis estratégico e de elaboração das políticas. Há preocupações quanto às operações psicológicas, a vigilância e a busca de alvos, atividades intrínsecas às operações de contraterrorismo.

levar ajuda humanitária a uma população em meio à guerra – ou uma missão de manutenção da paz mal conduzida – poderiam produzir complicações e obrigações similares.

Como a capacidade militar convencional dos Estados Unidos é tão superior e o confronto nuclear é algo tão inimaginável, muitos acreditam que todos os futuros adversários do Ocidente irão empregar guerra irregular ou não convencional. Alguns afirmam que as guerras “por procuração” serão mais comuns [8]. Alguns desses “procuradores” poderão não ser forças militares convencionais, variando de companhias militares privadas a corporações e instituições financeiras transacionais.

Os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 contra os Estados Unidos sugerem que os ataques futuros a alvos ocidentais serão dirigidos a pontos fracos específicos. Esses alvos serão invariavelmente não militares, como a população civil, embaixadas e a infraestrutura. E são exatamente essas vulnerabilidades que devem ser a preocupação das Forças Armadas ocidentais, até porque as agências civis não têm capacidade para protegê-las. Para enfrentar essas fraquezas, é possível que seja necessária uma reavaliação radical do papel e das funções dos exércitos, juntamente com a nova constatação de que o ambiente operativo futuro tem probabilidades iguais de estar no estrangeiro e na esfera interna [9].

A ansiedade sobre as vulnerabilidades ocidentais tem produzido muita especulação acerca da “e-guerra”, de cenários de contraterrorismo, de batalhas inter-robóticas e do futuro do poder aéreo não tripulado para conduzir ataques a distância. O problema é que esses instrumentos podem não caracterizar a guerra do futuro, ainda que sejam confortavelmente previsíveis para aqueles que os advogam ou criticam. Os analistas militares ocidentais são rápidos em identificar os padrões com os quais eles estão familiarizados, mesmo nas ocasiões nas quais

tendem a ser seletivos, a exagerar as ameaças e ignorar futuras oportunidades. Muito disso é cultural. Noções *clawsevitanas* de poder decisório – a política da decisão – e resultados rápidos são altamente atraentes, mesmo considerando que a guerra pode ser, em essência, não decisiva, prolongada, dinâmica e imprevisível.

Uma característica corrente da guerra, podemos notar, é a crescente digitalização, com ênfase nas métricas de busca de alvos, fogos, vigilância e efeitos. A firme evolução desse fenômeno tem sido obscurecida pelos recentes debates sobre técnicas de *contrainsurgência*. Ainda assim, os temas são intimamente relacionados, pois, no nível tático, os insurgentes empenham-se em sobrecarregar esses sistemas superiores com inúmeros alvos e várias formas para atacar, incluindo ações suicidas. As equipes de forças especiais ainda precisam realizar vigilância *cerrada* para permitir que armas computadorizadas possam engajar seus alvos. E elas frequentemente devem estar mescladas à população local ou recrutar colaboradores, empregando pessoas com alto grau de empatia e entendimento das necessidades de atores não estatais e de suas agendas [10].

Apesar das tentativas de eliminar a fricção no contraterrorismo e na *contrainsurgência* com as novas tecnologias, a tropa e os seus sistemas *high-tech* ainda estão vulneráveis ao cansaço, às falhas técnicas e às decisões erradas tomadas por comandantes cansados, estressados e cada vez mais escrutinizados. A névoa da informação pode ser um obstáculo menor na guerra convencional, mas insurgentes sempre tentarão subverter os sistemas informacionais – confundir, mantendo-se ocultos. O ritmo enormemente acelerado da guerra convencional adequa-se bem aos sistemas tecnológicos ocidentais, mas isso não acontece com a guerra no meio do povo por períodos prolongados, uma vez que nestes casos, a fricção impõe-se de modo mais enfático.

A principal suposição, muitas vezes repetida, considera que as operações ocidentais no futuro serão expedicionárias, já que não existem estados capazes de ameaçar os Estados Unidos ou o continente europeu. Os que desejam evitar o caráter prolongado típico das operações terrestres – como no Afeganistão – defendem a necessidade de operações aéreas e navais ou, no máximo, uma estrutura de força terrestre mais leve. Os advogados dessa postura raramente reconhecem as limitações do poder aéreo que foram recentemente expostas nas operações no Kosovo. Os “navalistas”, ansiosos por

enfatizar o modo como os governos poderiam manter sua liberdade de ação sem ficarem enredados em campanhas terrestres, dão menor atenção às vulnerabilidades do poder naval em litorais congestionados ou ao fato de que, no passado as decisões das guerras ocorreram tanto em terra quanto no mar. Os que vislumbram forças terrestres leves engajando-se em operações de manutenção da paz parecem não levar em conta as consequências que adviriam se tais missões entrassem em dificuldades, o que poderia resultar em acirramento do combate e no risco de uma derrota catastrófica.



Soldado Brasileiro no Haiti

A lógica ocidental [por trás da decisão] de manter forças leves para os combates nos anos 2001-03 era [justificada pela] manutenção de agilidade, redução da cauda logística e para evitar o antagonismo do povo local contra qualquer presença militar ostensiva de larga escala. Os Estados Unidos

visaram especificamente a evitar qualquer ideia de ocupação do Afeganistão, para que não se repetissem os erros soviéticos de 1979. Em 2001, havia uma crença considerável na capacidade do poder aéreo em produzir resultados sem [que houvesse] empenho terrestre substancial [11]. Na verdade, o

raciocínio que defende forças terrestres menores conduz à maior vulnerabilidade e menos inteligência, o que só poderia ser compensado por uma grande disponibilidade de poder aéreo. Ainda assim, apesar do advento dos ataques de precisão e da melhoria dos sistemas de busca de alvos, apostar no poder aéreo tem causado aumento no número de baixas civis. Esta solução provou ser contraprodutiva na sequência das operações, nas quais as forças ocidentais se viram envolvidas na condução de política local [a reconstrução do país – N. do T.]. O poder aéreo não pôde, sozinho, proporcionar a segurança para o estabelecimento de um novo governo. A partir das operações na Líbia, em 2011, ressurgiu o entusiasmo pelas operações aéreas como forma de evitar o emprego de forças terrestres.

Ataques limitados com mísseis foram postulados nas operações contra o regime sírio em 2013. Tem levado algum tempo para que os governos ocidentais percebam que seus métodos de guerra e de estabilização, bem como seus planejamentos para as campanhas e suas doutrinas, não podem ser considerados superiores. Eles têm sido obrigados a mudá-los constantemente, à medida que as operações evoluem no tempo.

Novas tecnologias – de veículos remotamente pilotados à robótica – e novos métodos – como a negação de serviço ou a interrupção cibernéticas – não podem garantir a vitória, como não pode a crença no poder aéreo e naval nos primórdios do século XXI. A novidade proporcionada por tecnologias nunca garantiu o sucesso por si só – é a integração do novo com os métodos e os meios efetivos que possibilita a vantagem tática ou estratégica.

Este tem sido particularmente o caso das aeronaves não tripuladas dotadas de mísseis. Tem havido muito debate sobre o caráter legal e ético de matar alvos em países que não estão em guerra com o Ocidente – como o Iêmen e o Paquistão – e em torno da remoção de insurgentes do campo de batalha por

meio de prisões extrajudiciais, ou, ainda, da apreensão de suspeitos de serem combatentes [12]. A verdade é que inimigos do Ocidente subvertem as leis ocidentais; atacam enquanto estão misturados à população civil local, não têm compromisso com a verdade em suas operações de informação e declaram abertamente que sua intenção é infringir baixas em massa àqueles que não se submetem às suas ideias. A preocupação ocidental de proteger as populações, internalizada profundamente a partir do advento dos bombardeios maciços durante as guerras mundiais, não está entre as prioridades de muitos dos beligerantes não ocidentais. Ainda que sejam [soluções] perturbadoras e não palatáveis segundo os [padrões] ocidentais, em geral é a intimidação, o medo de retaliação e o poder militar esmagadoramente superior que têm obrigado populações a submeterem-se, e não o ético engajamento seletivo, tão valorizado pelo Ocidente [13].

Ainda assim, as inconsistências podem ser exploradas [negativamente]. Os ataques com drones, sem que haja regras de engajamento claras, provoca uma erosão dos limites entre guerra e paz, alimentando e facilitando a argumentação de grupos não estatais de que eles também têm o direito de contra-atacar no cenário internacional.

Ambientes urbanos e periféricos, nos quais o controle governamental não é exercido ou não está claro, apresentam-se como os maiores problemas para as forças de segurança e, em algumas situações, forças militares podem assumir temporariamente o papel de autoridade governamental, com os poderes legais para isso. Pensar em segurança interna é algo menos atraente às forças terrestres ocidentais do que conduzir guerras além das fronteiras de seus países. A segurança interna é vista como uma forma de policiamento e não como uma atividade militar. O triste histórico relacionado à segurança interna e à coerção de populações, ainda que tenha sido um papel tradicional dos

exércitos antes do século XIX, podem parecer um anátema aos profissionais das armas.

De qualquer modo, é preciso dar mais ênfase ao objetivo de trazer os adversários à mesa de negociação como um parâmetro para medir o sucesso. As negociações devem ser vistas como norma, e não a exceção, no conceito de guerra total militar, que considera a vitória [somente] com a destruição dos meios que permitem [ao inimigo] resistir [14]. Tratar a guerra como a continuação da política por outros meios significa dizer que a vitória é uma correlação entre fins, modos e meios... e que é um processo contínuo, não um estado final.

Acima de tudo, a incapacidade para prevermos o futuro com confiança pode nos ajudar a explicar porque temos o desejo de procurar pelo novo enquanto nos prendemos àquilo que nos é familiar, quando estamos planejando hipóteses de guerra. Ainda assim, em um ambiente operativo do futuro, novos e antigos conceitos de guerra irão coexistir. Enquanto

alguns contendores estarão empregando novos sistemas de armas e operações de informação, outros estarão atacando infraestruturas e tentando cooptar populações por meio de ressentimentos religiosos. E haverá aqueles que estarão cavando trincheiras e travando combate corpo a corpo. Não haverá padrão previsível, pois cada conflito terá seu próprio contexto.

O discurso sobre a guerra do futuro está repleto de tentativas de encontrar padrões, e as incertezas do presente são projetadas para o amanhã, geralmente de modo exagerado [15]. Avaliações menos sensacionalistas não

possuem o mesmo apelo, atraem menor atenção e, quando provadas errôneas, são tomadas como exemplos da complacência [de quem as produziu]. Tendências históricas de longo prazo são difíceis de identificar: ninguém pode estar certo de que a tendência identificada é correta. Ademais, é impossível ignorar as características das guerras do presente.

Parece que o mundo, por enquanto, vive um período de conflitos não convencionais. E as projeções são confrontadas com os padrões identificados – o que ajuda a explicar por que os que empregam estatísticas para provarem suas teses sobre a guerra do futuro se sentem

tão confiantes quanto os catastrofistas.

As contradições inerentes a essas análises nos sugerem que, na verdade, não há garantias de que os padrões ou trajetórias sejam confiáveis. Não é uma verdade inexorável que as guerras não convencionais de baixa intensidade de hoje irão se repetir, até mesmo no futuro próximo. É possível (até mesmo) que aconteçam

episódios de guerra interestatal de grande intensidade e altamente destrutivas, talvez incluindo uma limitada troca de agressões com armas nucleares táticas.

Como indica David Kilcullen no seu recente *“Out of the Mountains: the Coming Age of the Urban Guerrilla”* (“Saindo das Montanhas: a próxima Era da Guerrilha Urbana”, em tradução livre), [a dificuldade] não está na falta de familiaridade e na imprevisibilidade das tendências de mudança, mas no ritmo com que essas mudanças ocorrem [16]. Ele argumenta que as atuais instituições, estados, governos e forças armadas

O fato é que as cidades podem ser desbordadas ou contidas, tanto quanto podem se tornar parte do espaço de batalha. São todas interdependentes com outras cidades. O sistema urbano consiste não apenas do ambiente construído, mas das redes que o sustentam e servem.

estarão sobrecarregados pela magnitude da instabilidade das novas megacidades e pelo ritmo da nova conectividade. Mais especificamente, ele argumenta que o futuro ambiente operativo serão as cidades e não os estados, com os conflitos do futuro provavelmente concentrados na periferia de

sem experiência e serem utilizadas por estudantes do ensino médio para identificar posições de atiradores de elite do regime líbio. Essa conectividade se apresenta tanto no nível local quanto no internacional e irá sobrecarregar forças militares convencionais e instituições de governo.



Operação São Francisco no Complexo da Maré

grandes centros urbanos litorâneos nos países em desenvolvimento, onde grupos armados não estatais – como cartéis, gangues de rua e caudilhos – estejam disputando recursos e influência.

Além disso, Kilcullen ilustra como a conectividade moderna – como as redes sociais – apresentam tanto desafios quanto oportunidades nesse novo ambiente operativo. Essas ferramentas podem mobilizar manifestantes como na Primavera Árabe, manter uma economia informal em Mogadíscio, treinar soldados e armeiros

Quando defendemos uma tese sobre qual será o ambiente operativo do futuro, podemos perder de vista o[s] indícios de] continuísmo. Se é verdade que as cidades serão potencialmente o berço das agitações populares, também é possível afirmar que essas concentrações urbanas são dependentes das áreas do interior. O fato é que as cidades podem ser desbordadas ou contidas, tanto quanto podem se tornar parte do espaço de batalha. São todas interdependentes com outras cidades, portos, infraestrutura de transporte e seu entorno, o que, como afirma

Kilcullen, significa que o sistema urbano consiste não apenas do ambiente construído, mas das redes que o sustentam e servem.

Indo mais além, é preciso reconhecer a importância dos aspectos legais e ideológicos do ambiente operativo, uma vez que é grande a possibilidade de produzirem restrições às forças de segurança, particularmente se elas tiverem que enfrentar ataques terroristas em massa como o de Mumbai, uma contaminação em massa, ou operações de baixa intensidade contra populações pobres e carentes, que se manifestem com violência contra as privações a que estão submetidas.

Kilcullen reitera que é pouco provável que ansiedades históricas geradas por recursos, ameaças e reputações deixem de ser fatores causadores de guerras. É provável que as finalidades das guerras permaneçam previsíveis, mas que os modos e meios para conduzi-las sejam transformados significativamente. Ainda assim, o modo tradicional de conduzir a guerra continuará a existir. O uso da força como um instrumento da política – o que parece inevitável – ainda pode ser estratificado em guerra limitada, ameaça de guerra a *l'outrance* (em termos de armas de destruição em massa) e tentativas de neutralizar um inimigo por meio da derrota de sua estratégia. Entretanto, novos meios (que irão surgir) durante este século podem abrir novas possibilidades e novos modos para atingir os fins estratégicos.

No futuro, em vez de uma única crise global, haverá variados enfrentamentos por recursos e pressões populacionais, diferentes em cada região [17]. Algumas delas, por sua escala, poderão acelerar rapidamente. Suprimentos limitados e a exaustão ou os altos custos de extração de recursos – como energia, água e alimentos – também irão afetar as regiões com intensidade variada; provavelmente mais o mundo em desenvolvimento do que o mundo desenvolvido. O *Global Environment Outlook* de 1999 previu conflitos por água no norte da África e no Oriente Médio entre os anos 2000

e 2025, ainda que os conflitos ideológicos e de governança tenham predominado naquelas regiões até agora [18]. As pressões financeiras também provaram ser muito mais do que isotrópicas: a falta de crédito nos países em desenvolvimento os deixa vulneráveis à agitação interna. Há muitos que preveem que a desigualdade e o desemprego de jovens irão aumentar nos próximos trinta anos, o que pode gerar um correspondente aumento do número de grupos descontentes que optem por adotar ações violentas.

Ainda assim, há um risco de que [toda essa argumentação] esteja sendo exagerada: ataques terroristas à infraestrutura têm efeito limitado no tempo e não são capazes de destruir sistemas na sua totalidade.

A verdadeira vulnerabilidade do Ocidente seria exposta por um colapso econômico da China, a partir de uma agitação social, e por uma estagnação do comércio e do intercâmbio financeiro globais. No entanto, a revolução digital promete aumentar o Produto Interno Bruto global em ritmo e extensão muito maiores do que durante a revolução industrial. É provável que o ritmo acelerado das mudanças tecnológicas produza tanto benefícios significativos quanto resultados indesejados. Enquanto o mapeamento do genoma humano em 2000 consumiu cinquenta milhões de dólares e vários anos para ser concluído, hoje podemos obtê-lo em um dia, ao custo de menos de mil dólares [19]. Essa pesquisa médica avançada permitiu aos Estados Unidos obter uma vantagem estratégica significativa, nas relações mundiais. O mesmo é válido para a revolução da informação que está em curso. Mais informações são geradas a cada dois dias do que o total produzido ao longo dos últimos dois mil anos [20]. A consequência é que as insatisfações serão amplificadas mais rapidamente a um público maior do que antes. Mas também haverá soluções que poderão ser obtidas mais rapidamente. Essas possibilidades sugerem que haverá maior

volatilidade nos domínios informacional, físico, de infraestrutura e de ideias.

TENDÊNCIAS PARA A GUERRA DO FUTURO

O caráter das guerras irá mudar com tanta frequência no futuro quanto mudou no passado, mas haverá continuidades marcantes, como o terrorismo e os protestos de massa violentos. Haverá, quase certamente, um aumento significativo de guerras irregulares nas cidades e guerras sistêmicas.

Há dez tendências para a guerra do futuro: ações irregulares em áreas urbanas, que exploram vulnerabilidades da infraestrutura; porosidade; dispersão; profundidade; furtividade (*stealth*, no original, em inglês); miniaturização do poder de combate; privatização da violência; descentralização; operações sistêmicas nodais; e precisão.

Nas grandes cidades, imagina-se que o terrorismo de baixa intensidade possa ocorrer com maior probabilidade. Conflitos prolongados necessitam de significativa mão de obra militar e policial e operações de mídia controladas. Na guerra do futuro, as milícias urbanas talvez obtenham acesso a armamento mais letal, incluindo mísseis terra-ar, armas anticarro e contaminantes químicos e biológicos. No combate urbano, as forças militares encontrariam a autoridade civil colapsando, várias agências trabalhando em suas agendas dentro do mesmo espaço físico e uma população civil vulnerável esperando por ajuda.

A guerra sistêmica é igualmente não convencional, pois envolve ataques ao

sistema financeiro, desgastando economias locais para criar regiões e povos dependentes, participações difusas e de massa em ações contra os estados e os governos, operações de informação, crimes cibernéticos, bloqueios cibernéticos, ações disruptivas de guerra eletrônica, ataques biológicos seletivos em porções da sociedade, colapsos energéticos e contaminação de água e comida. Cada tipo de ação é caracterizada por uma ênfase na natureza sistêmica de suas consequências: são concebidos para interromper, degradar, desacreditar ou destruir sistemas dos quais dependem os estados e as populações.

Os processos de engajamento [de alvos] têm afetado o campo de batalha desde o início da era industrial, à medida que armamentos mais letais e com maior precisão e alcance os tornaram mais abrangentes. Enquanto, em 1863, [a batalha de] Gettysburg ocorreu em um espaço de poucas milhas, a Segunda Guerra Mundial foi caracterizada como um conflito que se estendeu a vários teatros por todo o

mundo, requerendo a mobilização de economias domésticas e de suas populações. Desde 1945, o mundo tem sido afetado tanto por guerras não convencionais quanto por guerras convencionais e ostensivas. A natureza interconectada da economia e do sistema de comunicações mundiais significa que, mesmo o menor dos ataques terroristas, alcança toda a população mundial.

Intimamente ligada à ideia de dispersão está o ocultamento – ou a furtividade – com pequenas organizações operando fora das vistas, ou tentando permanecer ocultas em meio à população ou em partes remotas do

Pensar em segurança interna é algo menos atraente às forças terrestres ocidentais do que conduzir guerras além das fronteiras de seus países. A segurança interna é vista como uma forma de policiamento e não como uma atividade militar.

território. Curiosamente, apesar das afirmações de que organizações clandestinas são particularmente ameaçadoras ao Ocidente, assinaturas digitais estão cada vez mais difíceis de esconder. As forças estatais modernas ficaram muito mais expostas e vulneráveis e, no futuro, a camuflagem nos conflitos no meio do povo irá requerer completa miscigenação.

Desde a Revolução Industrial, a engenharia de precisão tem permitido surgir menores e mais eficientes sistemas de armas, enquanto os avanços na física e na química têm aumentado seu poder explosivo. Ao mesmo tempo, tem sido possível desenvolver plataformas que são menores, mas que carregam o mesmo ou maior poder de combate. Metralhadoras – antes grandes e desajeitadas – agora são portáteis. Depois da bomba atômica, foram desenvolvidas novas gerações de artefatos nucleares até que se tornou possível produzir um dispositivo nuclear tão pequeno quanto uma granada de artilharia. Pode-se imaginar que, no futuro próximo, haverá sistemas de armas de grande magnitude que serão transportáveis por indivíduos. Dessa tendência pode-se deduzir que cada cidade, porto ou província é potencialmente um espaço de batalha.

É provável que o combate se torne cada vez mais individualizado no futuro próximo, à medida que grupos cada vez menores passem a reclamar o direito de recorrer à guerra, equipando-se com poder de combate significativo. O aumento do número de empresas de segurança e de companhias militares privadas, tanto no ambiente

interno, quanto nas missões de segurança expedicionárias, parece ser uma tendência que irá se manter. Esse fenômeno torna mais fácil a condução de guerras “por procuração”, com grupos e indivíduos de fachada equipados e treinados tanto por agentes estatais quanto não estatais. Combatentes irregulares assameses, cartéis de droga mexicanos, piratas somalis e combatentes do delta do Níger têm conseguido conduzir campanhas prolongadas contra seus governos, interesses nacionais e grandes companhias, nos seus próprios termos.

A propagação do poder e das comunicações ocorrida no ocidente desde o final do século XIX – e que agora alcançou todo o globo – causou reflexos no modo como se conduz a guerra. O desenvolvimento da tecnologia e das comunicações – antes reservado à elite e ao estado – chegou à população e tornou-se um elemento importante para o desenvolvimento de conflitos de natureza irregular.

A descentralização também trouxe mais poder às forças do Estado: rádios portáteis e comunicações móveis permitem que pequenas frações e indivíduos isolados desfrutem de consciência situacional avançada, tanto para localizar alvos quanto para manobrar no terreno. Maior especialização significa maior conectividade. Interoperabilidade e descentralização são essenciais para uma entrega de efeitos eficaz.

O desenvolvimento tecnológico continua a ampliar a precisão e a superioridade com os quais se conduzem os ataques a distância com efeitos considerados aceitáveis. Meios mais precisos irão demandar mais combatentes

A habilidade de impor degradação nodal ou sistêmica ao inimigo, afetando sua capacidade de resistir, comandar ou de comunicar-se, será a característica marcante da guerra do futuro. Irá representar uma forma de “e-envolvimento”.

técnicos, aptos a utilizar esses recursos tanto na ofensiva quanto na defensiva. Entre os exemplos estão a nova geração de antimísseis e os veículos semiautônomos. Deverá haver plataformas multiuso, capazes de operar em solo, no mar e no ar, com capacidade eletrônica, bem como equipes de forças especiais em menor número, altamente treinadas e muito bem equipadas – cuja vulnerabilidade poderá ser compensada por uma ampla gama de opções de apoio (em transporte, inteligência, fogos, especialização e logística). Mas, em todas as operações conduzidas pelo estado, a ênfase será na precisão, juntamente com a dissimulação, a dispersão e a adaptação às ameaças geradas por grupos não estatais e de fachada que se utilizam de ataques clandestinos. Novos sistemas serão necessários para atuar com precisão em ambientes urbanos, em arranha-céus, no subsolo, sob a água e no espaço. No futuro, se as forças pretendem estar aptas a destruir forças terroristas mescladas ou operando junto às populações, terão que dispor de precisão ainda maior do que na atualidade e, o que é mais importante, de maior velocidade na aquisição de alvos.

A habilidade de impor degradação nodal ou sistêmica ao inimigo, afetando sua capacidade de resistir, comandar ou de comunicar-se, será a característica marcante da guerra do futuro, envolvendo a paralisia das comunicações e grande ênfase nas guerras psicológica, informacional, cibernética e, até mesmo, neurológica. Irá representar uma forma de “e-envolvimento”, furtivo e clandestino. Esses nodais serão parte de uma gama mais ampla de operações contra as principais ameaças geradas por inimigos situados entre as populações domésticas.

IMPLICAÇÕES PARA AS FORÇAS ARMADAS CONTEMPORÂNEAS

Deduzir é algo difícil e, em um artigo curto como este, as deduções são necessariamente seletivas. Ainda assim, a superficialidade e

as afirmações impactantes podem provocar o pensamento crítico. Será mediante intercâmbio fundamentado [de ideias] que poderemos desafiar as pressuposições, redefinir nossas conclusões e permanecer alertas para os erros de avaliação. É com esse espírito que as conclusões a seguir são oferecidas.

No futuro, as forças farão uso da furtividade, operando sistematicamente por redes de comunicações e pela exploração das vulnerabilidades da sociedade. Farão emprego da guerra da informação para espalhar o medo e o pânico, mas também irão conduzir o combate cinético em meio às populações. Seus objetivos serão a destruição dos sistemas financeiros, da infraestrutura e da vontade de manter a resistência. Esse tipo de guerra não convencional será muito mais frequente do que as guerras prolongadas e de alta intensidade do passado – apesar de que estas ainda poderão ocorrer. E a militarização do espaço parece ser algo iminente.

Para enfrentar essas ameaças, os estados devem identificar suas próprias vulnerabilidades e adotar ações para minimizá-las, mesmo que isso signifique reorganizar suas Forças Armadas. Preparar-se para essa forma de combate difusa, dispersa e clandestina também significará adotar novas medidas para a defesa civil. No conflito antiterror do futuro, as operações psicológicas e de informação serão essenciais. É possível que a preparação [das tropas] em tempo de paz ocorra em meio a operações de segurança de longa duração (por vezes em ambiente doméstico), a operações de manutenção da paz ou a operações de combate ao terrorismo ou de contrainsurgência. É provável que as forças sejam desdobradas em resposta a informações específicas obtidas pela inteligência, em ações de grande mobilidade e com duração excepcionalmente rápida. Os ataques serão semelhantes a incursões. A inteligência será o esteio das operações, mas alvos de oportunidade irão surgir de modo

fugaz, exigindo resposta rápida e precisa. A aplicação inteligente dos conceitos da tática será tão crítica para o sucesso quanto a capacidade [das tropas] de se comunicarem com toda sorte de agências civis.

As atuais tendências de guerra fornecem um guia incompleto sobre o ambiente operativo futuro, mas nos dão certos indícios sobre qual direção seguiremos. As questões relacionadas à porosidade, à dispersão, à profundidade, à furtividade, à miniaturização do poder de combate, à privatização da violência, à descentralização, à precisão, às operações nodais sistêmicas e à vulnerabilidade da infraestrutura irão afetar vários domínios: físico, ideacional, informacional e de infraestrutura, particularmente em relação às cidades e aos sistemas. A gramática da guerra, nessas áreas, mudou.

Os comandantes que forem capazes de compreender as cidades e suas áreas periféricas, sua morfologia, suas conexões e suas vulnerabilidades terão significativa vantagem para o emprego de seus meios, seja em operações regulares, irregulares, seja “por procuração”. A habilidade para entender a nova inter-relação que rege os vários sistemas – sejam eletrônicos, urbanos, baseados em recursos ou informacionais – irá definir a “alfabetização militar”, no futuro. As forças militares serão forçadas a se adaptar ao novo ambiente – ou terão que encarar a derrota. Uma forma de aumentar a capacidade de adaptar-se é enfatizando a importância da inovação, da improvisação e da adaptação, usando o passado como um guia fundamental para o desenvolvimento educacional e a mudança institucional.



NOTAS/REFERÊNCIAS

- [1] Robert D. Kaplan, "The Coming Anarchy", (The Atlantic, February 1994), disponível em: < <http://www.theatlantic.com/ideastour/archive/kaplan.mhtml>>, publicada no Brasil como "À Beira da Anarquia" (Ed. Futura, 2000); Francis Fukuyama, "The End of History and the Last Man (New York: Free Press, 1992), publicada no Brasil como "O Fim da História e o Último Homem" (Ed. Gradiva, 1999); Samuel B. Huntington, "Clash of Civilizations and the Remaking of the World Order" (New York: Simon and Schuster, 1996), publicada no Brasil como "O Choque das Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial" (Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 1997); David Kilcullen, "Out of the Mountains"(London: Hurst & Co., 2013).
- [2] Martin van Creveld, "The Fate of the State", Parameters 26, no. 1 (Spring 1996): p. 4-18; Philip Bobbit, "The Shield of Achilles"(New York: Penduin, 2003).
- [3] Rupert Smith, "The Utility of the Force"(Londres: Allen Lane, 2005), publicado no Brasil como "A Utilidade da Força – A Arte da Guerra no Mundo Moderno" (Ed. Edições 70, 2008); Ministério da Defesa da Grã-Bretanha, "The Future Character of Conflict" (MOD, DCDC Strategic Trends Programme, February 2, 2010).
- [4] Steve Pinker, "The Better Angels of Our Nature: Why Violence Has Declined" (New York: Viking Books, 2011); Andrew Mack, "More Secure World" – palestra na ANU, fevereiro de 2011; Håvard HEgre et al, "Predicting Armed Conflit, 2010-2050", International Studies Quarterly 55(2) (2013): p. 1-21.
- [5] Veja Antulio J. Echevarria II, "Imagining Future War: The West's Technological Revolution and Visions of Wars to Come 1880-1914 (New York: Praeger, 2007).
- [6] Para uma visão alternativa, veja Christopher Coker, "The Improbable War: China, the United States and the Logic of Great Power Conflict" (Londres: Hurst, 2014).
- [7] Akbar Ahmed, "The Thistle and the Drone: How America's War on Terror Became a Global War on Tribal Islan"(New York: Brookings, 2013).
- [8] Andrew Mumford, "Proxy Warfare"(Cambridge: Polity, 2013).
- [9] As implicações são que as Forças Policiais podem ser compelidas a desenvolver mais capacidades paramilitares ou, talvez, que as forças militares sejam levadas a executar tarefas de ajuda militar à governabilidade civil com mais frequência e, ainda, a imiscuir-se em tarefas policiais.
- [10] Diane E. Davis and Anthony W. Pereira, eds., "Irregular Armed Forces and their Role in Politics and State Formation" (Cambridge University Press, 2003), 149-177; Austin Long, "Going Old School – US Army Special Forces Return to the Villages", Foreign Policy, July 21, 2010, disponível em: < http://afpak.foreignpolicy.com/posts/2010/07/21/going_old_school_us_army_special_forces_return_to_the_villages>; Charles Tilly, "Teh Politics of Collective Violence"(Cambridge University Press, 2003), p. 19.
- [11] D. M. Drew, "US Airpower Theory and the Insurgent Challenge: A Short Journey to Confusion", Journal of Military History, 62 (1998): 809-32.
- [12] Kenneth Roth, "What Rules Should Govern US Drone Attacks?" The New York Review, March 25, 2013, p. 16-18.

[13] Os mais bem documentados e mais extensivos exemplos de emprego de terror contra insurgências incluem a aniquilação bolchevique da resistência branca na guerra civil russa e a destruição nazista das atividades da resistência francesa no centro e no sul da França, durante a Segunda Guerra Mundial.

[14] Richard Hobbs, "The Myth of Victory: What is Victory in War?" (Boulder, CO: Westview, 1979).

[15] Até agora, as mudanças na história da humanidade têm sido progressivas, com eventos periódicos e episódicos que causam ruptura, subsequentemente interpretados como "pontos de virada". Para Clausewitz e Jomini, o grande ponto de virada de seu tempo foi a Revolução Francesa. Mas, para muitos historiadores militares, esses momentos foram identificados ou como batalhas decisivas ou como tecnologias de impacto, ou, ainda, como conquistas individuais de determinados comandantes. Esses determinismos são desafiados pela corrente principal da história e da ciência social, mas parecem ter conseguido certa longevidade no meio militar. Veja Jeremy Black, "Rethinking Military History" (Londres: Routledge, 2004).

[16] David Kilcullen, "Out of the Mountains: The Coming Age of the Urban Guerrilla" (Oxford: Oxford University Press, 2013).

[17] Em um trabalho recente, McKinsey and Company afirmam que as mudanças demográficas e o crescimento de mercados emergentes irão pressionar os recursos globais em um nível sem precedentes. Os preços dos alimentos crescerão em 40 % até 2030 e haverá um déficit de 30% entre a energia disponível e as demandas por petróleo e gás. É provável que haja um déficit em torno de 40% entre o suprimento e as demandas de água. O consumo de carne irá crescer no mundo, aumentando a pressão na busca por terras.

[18]. Michael T. Klare, "Resource Wars: The New Landscape of Global Conflict" (New York: Metropolitan Owl, 2001). Os estados mais vulneráveis a conflitos são: Somália, República Democrática do Congo, Sudão e Sudão do Sul. Áreas com risco significativo incluem: Chade, Iemê, Afeganistão, Haiti, República Centro-Africana, Zimbábwe, Iraque, Costa do Marfim, Paquistão, Guiné, Guiné-Bissau e Nigéria.

[19]. Palestra de McKinsey na Universidade de Oxford, 28 de novembro de 2013.

[20] Ibid.